

1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca

1923: a research on the existence of racism in sport news from the city of Rio de Janeiro

João Paulo Vieira Teixeira | jpaulo.vieira@gmail.com
Jornalista pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e
mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj.

Resumo

Este artigo pretende investigar a ocorrência de preconceito racial durante o Campeonato Carioca de Futebol do ano de 1923. A proposta é pesquisar nos jornais da época se há indícios de que o Vasco da Gama sofreu de fato por ter no seu time atletas negros e mulatos.

Palavras-chave: futebol, cultura, racismo, Vasco da Gama.

Abstract

The present article aims to investigate the occurrence of racial prejudice during the Rio de Janeiro state football league in 1923. The proposal is to investigate in newspapers of the time whether there is evidence that Vasco da Gama really suffered for having black and mulatto athletes in its team.

Keywords: soccer, culture, racial prejudice, Vasco da Gama.

INTRODUÇÃO

O Clube de Regatas Vasco da Gama conquistou no ano de 1923 seu primeiro título de Campeão Carioca de futebol. O fato tornou-se um marco na história do esporte pois foi a primeira vez que um time formado por jogadores negros, mulatos e brancos pobres venceu o torneio mais importante da modalidade. O triunfo teria desagradado parte da sociedade e a resposta dos clubes das elites foi a criação de uma nova entidade para gerir o esporte e organizar as competições. A proposta era limitar a participação de jogadores que não comprovassem a condição de amadores. Para muitos, essa iniciativa escondia uma estratégia racista.

Este é um dos relatos descritos no livro *O negro no futebol brasileiro*. A obra do jornalista Mario Filho¹ tornou-se a principal referência para os estudos sobre a formação do esporte no país. No entanto, o pesquisador Antônio Jorge Soares desenvolveu um relevante estudo² questionando a simples adoção do livro como única fonte para as reflexões sobre o tema. Uma das suas principais críticas é a de que os estudiosos que seguiram Mario Filho recorrem ao livro como se o texto possuísse um retrato fiel dos acontecimentos e acabam por deixar de lado outras fontes, em especial as primárias, para uma confirmação do que está relatado nas páginas do clássico da literatura nacional.

Motivados por esta discussão acadêmica, pretendemos recorrer às páginas dos jornais cariocas de 1923 para investigar como foi feita a cobertura da imprensa escrita na ocasião. O futebol já ocupava espaço considerável nos jornais da época. A dúvida é se os periódicos destacavam este bom desempenho de uma equipe que surpreendeu a todos e até a questão do “amadorismo disfarçado” ou se preferiam apenas enaltecer a miscigenação racial. Por outro lado, será que há evidências de que o preconceito racial presente entre os dirigentes também vestia as páginas dos jornais?

Reconhecemos não se tratar de um tema inédito, no entanto, gostaríamos de tentar lançar um novo olhar sobre a questão. A proposta é esmiuçar a forma com que esta história foi contada à época. Saber como os jornalistas trataram do assunto. Quais os critérios utilizados para reportar o fato. Foi deixado algum resquício de racismo também na cobertura da imprensa?

A intenção é investigar se o passar do tempo fez com que os estudos posteriores criassem uma visão distorcida do fato, enaltecendo demais algo que invariavelmente iria acontecer (a participação decisiva dos negros no futebol). Como a imprensa da época cobriu o acontecimento? Será que se tinha a dimensão do que se passava ou o jornalismo carioca não deu a necessária relevância ao Campeonato do Rio de Janeiro de 1923?

JUSTIFICATIVA

Ao lançar um olhar atento aos jornais do período citado, acreditamos ser possível acrescentar novos elementos ao debate já existente nas Ciências Sociais. Desde a publicação do livro *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho, surgiram várias discussões nos campos da Educação Física, Antropologia, História e da Comunicação Social, muitas delas envolvendo o Campeonato Carioca de 1923. Um novo estudo dos periódicos poderá preencher uma lacuna existente em parte das últimas pesquisas que apenas retomam o que foi transmitido por Mario Filho.

Acreditamos que seja possível contribuir com novas informações sobre o início da miscigenação do futebol brasileiro. Ao invés de nos debruçarmos exclusivamente no que foi escrito, refletindo sobre as conseqüências do fato, pretendemos buscar informações no que foi relatado no calor da ocasião. Soares, numa crítica à utilização exclusiva do livro *O negro no futebol brasileiro* para pesquisas sobre o tema, alerta para a necessidade de se consultar fontes primárias para uma investigação um pouco mais precisa do fato. “Nesse sentido, necessitamos começar a realizar novas leituras e novos levantamentos empíricos sobre a história do futebol brasileiro, ao invés de promover um discurso romântico de construção da nação ou de militância politicamente correta.” (SOARES, 2001, p. 45).

30

Hugo Lovisolo analisa justamente este trabalho de Soares como uma contribuição importantíssima para estimular novas pesquisas. A idéia é evitar que os estudos recorram ao livro como única fonte de consulta, criando o que ele chama de “um espiral de reiteração do já dito”:

Em outras palavras, cita-se Mário Filho com baixíssima inovação fatural e interpretativa, apenas colaborando na reiteração e solidificação da invenção da tradição por ele realizada. A mensagem de Soares pode ser entendida como uma generosa incitação à pesquisa, como desafio a historiadores e analistas do fenômeno esportivo, para gerar dados mais sólidos e interpretações que relatem com maior fidedignidade as tramas dos processos históricos. (LOVISOLO, 2001, p. 79).

Vale ressaltar que ao fazer o contraponto aos por ele chamados de “novos narradores”, Soares busca justamente as páginas dos jornais para comprovar que há distorções entre o fatos relatados e a narrativa criada décadas depois. No texto *O Racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade*³ (2001), ele rebate vários argumentos utilizados por Mario Filho se valendo de edições de periódicos de 1924. O que está sendo discutido ali é a crise política deflagrada pelo título do Vasco um ano antes, mas que culmina, em 1924, com a criação de uma nova liga para gerir o esporte. Portanto faz sentido ir até os jornais daquele ano. No entanto, como nosso propósito será outro, queremos verificar incoerências nas narrativas criadas não no processo que foi deflagrado, mas sim na trajetória da equipe de futebol. Por isso, também, acreditamos que ocuparemos um espaço ainda não totalmente esclarecido no debate.

A discussão e a pesquisa parecem ser relevantes uma vez que trará à

tona a forma como era feito o jornalismo esportivo numa época em que o futebol ocupava um espaço diferente do atual na vida cotidiana. Além disso, os resultados poderão contribuir para que sejam evitadas novas incorreções nas matérias jornalísticas que tratam sobre o início da participação dos negros no futebol brasileiro.

ESTUDOS PRELIMINARES

Nosso trabalho envolverá temas relacionados a diversas áreas das Ciências Sociais. Aspectos da Comunicação Social, História e até Antropologia estarão presentes ao longo do texto. No entanto, é impossível perder de vista que o pano de fundo para todas estas discussões será o futebol. Desta forma, é preciso contextualizar de que forma pretendemos focar tal modalidade esportiva. Aproveitamos algumas reflexões de Lovisolo, para destacar que a velha idéia do esporte enquanto alienador das massas não cabe mais em trabalhos acadêmicos.

Há duas ou três décadas, os cientistas sociais pouco se ocupavam com o futebol que era, isso sim, preocupação do jornalismo esportivo, dos políticos e das pessoas da rua. Mais ainda, a corrente principal das ciências sociais considerava o futebol como uma coisa que distanciava o povo das “preocupações verdadeiras”. O futebol era visto como formando parte dos processos de alienação das massas. Os ventos mudaram o rumo da prosa. Hoje, talvez sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade, a crítica da alienação foi barrida e as folhas da valorização da cultura e identidade local formam o piso sobre o qual andamos. (LOVISOLO, 2001a, p.9)

Feita esta breve ressalva, acreditamos ser conveniente lembrar que, a partir do momento em que os estudos sociais começaram e encontrar no futebol uma poderosa forma de compreender a parte da sociedade, foram dados passos importantes para a compreensão das formas de construção identitária do Brasil.

Embora o futebol possa ser considerado como “quase universal”, na linguagem estetizada do gosto e do estilo particular passou a ser uma dimensão importante da construção identitária, tanto no caso da sociedade brasileira quanto de outras. Futebol, alegria, festa, carnaval, música são temperos recorrentes dessa construção. A ‘alegria do futebol’, cuja essência foi posta na ginga de Garrincha, passou a ser uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as adversidades com alegria. De fato, o futebol foi visto como teatro da vida. (LOVISOLO, 2001a, p.10)

No entanto, o próprio Lovisolo nos lembra que o tema exige muito cuidado. Para ele, uma das principais armadilhas que ameaça os pesquisadores é o erro comum de apenas repetir a imprensa esportiva, ao invés de fazer uma investigação mais profunda sobre o tema.

De fato, quando os cientistas sociais passaram a falar do futebol com as categorias organizadoras de cultura e identidade também começaram em grande parte a traduzir, quando não meramente a repetir, aquilo que os jornalistas vinham dizendo na linguagem inventada para tratar dos esportes e, sobretudo, no nosso caso, do futebol. (LOVISOLO, 2001a, p.10)

É exatamente neste dilema – repetir a imprensa sem questioná-la – que está situado o eixo central do nosso trabalho. A partir das narrativas construídas sobre a conquista do título do Vasco da Gama, no ano de 1923, queremos retomar o debate acrescentando novas informações a partir do que coletamos nos jornais da época. A história desta vitória vascaína foi recontada várias vezes, tanto pela imprensa como pelos estudiosos, como um dos principais feitos que marcaram o início da participação do negro no futebol do Brasil.

No entanto, um debate acadêmico passou a ser travado para se discutir a veracidade e a intensidade dos fatos. Antônio Jorge Soares (1998, 2001) garante que aconteceram distorções na narrativa dos pesquisadores, a quem ele chama de novos narradores, uma vez que todos eles se utilizaram exclusivamente do livro de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*. Em resposta, alguns desses novos narradores, principalmente Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. (2001) ressaltam que a utilização do livro pode ser produtiva para se construir um retrato da época. Eles, no entanto, não negam a idéia de que é preciso tomar alguns cuidados para se trabalhar com o autor.

A obra de Mario Filho

O livro *O negro no futebol brasileiro* foi publicado pela primeira vez no ano de 1947. Em 1964, com o lançamento de uma nova edição, foram acrescentados dois novos capítulos: *A provação do preto* e *A vez do preto*. Segundo Soares (2001), nesta nova edição, Mario Filho suprime algumas partes do texto original nas quais ele falaria do poder democrático do futebol. Vale ressaltar que no prefácio da segunda edição, o autor garante ter mantido intacto os textos originais e apenas criado dois novos capítulos.

Neste intervalo de tempo, a seleção brasileira de futebol conquistou seus dois primeiros títulos mundiais, em 1958 e 1962. Na primeira versão do livro, o autor daria provas de que a questão racial começava a ser menos problemática. No entanto, na edição de 1964 esses trechos não mais aparecem. Na visão de Soares, essas mudanças serviram para dar ênfase na “superção pelas quais o herói deverá passar ao longo da narrativa”. (SOARES, 2001, p. 23).

O primeiro capítulo do livro, *Raízes do saudosismo* fala sobre o tempo em que o futebol era praticado exclusivamente pelas elites intelectuais e financeiras do país. A situação só começaria a mudar com o aparecimento do jogador Friedenreich. Filho de um alemão com uma negra, teria se tornado o primeiro herói esportivo em função de sua identificação com o povo brasileiro.

O segundo capítulo, intitulado de *O campo e a pelada*, conta como as camadas populares começaram a adotar o esporte, apesar de ainda existir uma considerável segregação. Nesta parte do livro, o autor descreve a importância que tem para ele, a miscigenação racial para a construção de um estilo brasileiro de jogar futebol. Este capítulo tem importância fundamental para nosso trabalho e, por isso, será analisado mais a frente, ainda neste projeto.

No capítulo três, A revolta do preto, há relatos positivos e negativos a respeito da integração racial. É destacada a participação crescente dos negros e os resultados positivos que eles passam a conquistar.

A ascensão social do negro é o título do quarto capítulo, último da primeira edição. É narrada a mobilidade social que o futebol começa a proporcionar.

Os dois últimos capítulos são A Provação do preto e A vez do preto. Ambos estão presentes apenas na segunda edição do livro. No primeiro deles, Mario Filho usa diversos recursos para concluir que os negros ainda não teriam alcançado a igualdade. Na parte derradeira, o autor relata a derrota da seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Rio de Janeiro e conta que os negros que faziam parte da equipe acabaram por ser responsabilizados pelo fracasso do time.

O campo e a pelada

É no fim deste capítulo que Mario Filho traz sua versão para o título do Vasco no campeonato de 1923. “O mulato e o preto eram, assim, aos olhos dos clubes finos, uma espécie de arma proibida. Não um revólver, uma navalha. Se nenhum grande clube puxasse a navalha, os outros podiam continuar lutando de florete.” (FILHO, 2003, p.120). A partir daí que o autor se utiliza da primeira vitória de um time multirracial para dizer que a supremacia dos brancos estaria com os dias contados (SOARES, 2001a, p. 20).

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. (FILHO, 2003, p. 126)

O acesso do Vasco à elite não teria chamado a atenção dos outros clubes. Segundo Mario Filho haveria uma espécie de menosprezo ao potencial do time.

Ninguém ligou para importância à ida do Vasco para a primeira divisão. Que é que podia fazer um clube da segunda divisão (...) O Vasco que bostasse quantos mulatos, quantos pretos quisesse no time. Tudo continuaria como dantes, os brancos levantando os campeonatos, os mulatos e os pretos nos seus lugares, nos clubes pequenos. (FILHO, 2003, p. 121)

Mas como o time começou a ter resultados positivos, a equipe passara a chamar a atenção dos adversários, principalmente, segundo o autor, pelo fato de reunir cada vez mais torcedores. Mario Filho relata, maneira quase cômica, o crescimento da ira dos adversários. “Outros clubes achando que aquilo precisava acabar. Tornou-se quase uma questão nacional derrotar o Vasco. O jacobinismo no futebol, lançando o brasileiro contra o português” (FILHO, 2003, p.122). É neste contexto, que ele acredita que tenham surgido os primeiros indícios de racismo.

O português levava a culpa. Pouco importava que o time do Vasco, com os seus brancos, seus mulatos e seus pretos, fosse brasileiríssimo.

Os jogadores Morais e Silva perdiam a nacionalidade, viravam portugueses. Para que ninguém pudesse dizer que os grandes clubes estavam contra os pequenos, contra os pretos. Estavam contra o português, que tinha alterado a ordem natural das coisas.(FILHO, 2003, p.122)

É preciso ressaltar que a narrativa de Mario Filho também traz importantes ponderações. O texto não conta a história do título vascaíno exclusivamente como um feito heróico, como uma narrativa mítica em que a questão racial prevalece o tempo todo. Ao contrário, encontramos alguns trechos nos quais o autor ressalta o empenho do time que teria um preparo físico diferenciado em relação aos adversários, em função de haver muita disciplina e treinamento. “Os jogadores do Vasco ficavam em Morais e Silva, como alunos de colégio interno. Tinha hora de saída, todos juntos (...) O português achando que todo cuidado era pouco” (FILHO, 2003, p. 122 e 123).

Por fim, o próprio Mario Filho, posteriormente tão acusado de recheiar de glamour esta história, dá um forte indício de que questão racial é muito mais delicada do que parece e que, por isso, necessita ser estudada a fundo. “O Vasco não fazia pretos: para o preto entrar no Vasco tinha de ser já bom jogador. Entre um branco e um preto, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco ficava com o branco. O preto era para a necessidade, para ajudar o Vasco a vencer.” (FILHO, 2003, p.120)

34

Raízes brasileiras

No prefácio, escrito em 1947, para a primeira edição do livro de Mario Filho, o sociólogo Gilberto Freyre afirma categoricamente que o futebol tornou-se o meio mais importante para a ascensão do negro na sociedade.

Sublimado tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. Entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol. (FREYRE, 2003, p. 25)

Parece-nos óbvio que, mais de meio século depois, essas conclusões necessitam de atualizações e de reflexões contemporâneas que permitam adequá-las aos tempos atuais. No entanto, acreditamos ser importante ter a dimensão da relevância do pensamento deste importante pensador. Principalmente para entendermos a partir de qual contexto Mario Filho escreveu sua obra.

Freyre reflete durante todo o tempo sobre o estudo do que ele chama das raízes brasileiras. É a partir daí que ele enxerga o esporte que tornou-se o mais popular do país. “O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura.” (FREYRE, 2003, p. 25)

Os estudos de Soares (2001, 2003) nos mostram que a grande parte das

reflexões acadêmicas sobre o futebol brasileiro, se apóiam no trabalho de Mario Filho. Por isso, Soares nos lembra que é sempre preciso ter em mente que o cronista foi altamente influenciado pelo contexto da época, no qual havia um modo específico de pensar a cultura. Seria por esta razão que o futebol estaria tão ligado à idéia de construção e integração nacional das primeiras décadas do Século XX.

Por extensão, o pensamento de Mario Filho teria sido inspirado diretamente na produção de Freyre. “A necessidade de resgatar Gilberto Freyre dá-se em função do fato de que as leituras, descrições e interpretações sobre o futebol brasileiro reproduzem, conscientes ou inconscientemente, os argumentos e imagens freyreanos sobre o tema”. (SOARES, 2003, p.145).

Por isso, Soares acusa Mario Filho de ter um viés nacionalista sempre que vai tratar da problemática que cerca a inserção do negro no futebol. Este pensamento foi, segundo ele, absorvido pelos “novos narradores”. As narrativas que surgiram acabaram por naturalizar e legitimar uma identidade que foi construída socialmente.

Deixam de considerar que o Negro no futebol brasileiro e seu autor sofreram as influências dos anos 30 e 40, marcados, sobretudo, pela mentalidade nacionalista e pela esperança da conciliação racial. As elaborações de Mario Filho sofreram a influência não só do pensamento de Gilberto Freyre, mas também de um “freyrismo popular”. A visão de Mario Filho, como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. (SOARES, 2001a, p.15 e 16)

A obra de Mario Filho seria, portanto, um exemplo da ideologia da democracia racial. Com o ressurgimento do debate sobre os textos de Gilberto Freyre a tendência é que passe a ser reconhecida a grande relação intelectual entre o que pensavam e produziam os dois intelectuais. (SOARES, 2003, p.145)

(...) podemos afirmar que o futebol, samba capoeira e outros elementos culturais foram e ainda são tratados como expressões de identidade brasileira. O problema epistemológico que se coloca é até que ponto nossas análises sociológicas ainda se confundem com o processo de afirmação de identidades nacionais num mundo onde esse ‘sentimento coletivo’ se perde e se fraciona diante dos novos arranjos econômicos e culturais. (SOARES, 2003, p. 160)

No prefácio que Gilberto Freyre escreve, o sociólogo não deixa de tecer vários elogios à obra. No entanto, faz questão de destacar que o texto poderia ser mais profundo. Para Soares (2003), este seria mais um indício de que o livro *O negro no futebol brasileiro* precisaria de aprofundamentos e maior rigor sociológico.

Façamos uma pequena digressão: qual é a noção de cultura no pensamento freyreano? Pode-se dizer que Freyre possui uma dialética própria para entender os antagonismos e conflitos no Brasil. Não seria uma dialética segundo a qual, dos antagonismos culturais, raciais e

de classe, surgiria uma síntese ou uma superação no sentido marxista. Não seria nesses termos que Freyre pensaria os antagonismos, pois eles jamais seriam superados, mas apenas aplainados e conciliados na formação cultural dos trópicos. O vigor cultural é produto do conflito, onde o racional é obrigado a conviver com as forças irracionais, o primitivo com o civilizado, o escravo com o senhor, a natureza com a cultura e Apolo com Dionísio, isto é, em um saudável estado de tensão. Conflito que nunca resulta em exclusão, mas na manutenção do antagonico, gerando ambigüidade e contradições permanentes. ? nesta manutenção que se forma um equilíbrio entre os diversos antagonismos, que formariam uma cultura que guardaria as diferentes “essências, naturezas ou tradições”. (SOARES, 2003, p. 159 e 160)

Criação de mitos

A principal acusação, e talvez a mais cara, aos autores que se dedicam ao tema é certamente a utilização irrestrita do livro de Mario Filho. Em função disso, é sempre preciso lembrar que o relato de um personagem do passado deve ser considerado apenas como uma das faces do ocorrido. Do contrário só haverá contribuição para a criação e perpetuação de mitos a partir das narrativas jornalísticas. “As narrativas produzidas por jornalistas a partir de fatos envolvendo clubes e jogadores do futebol no Brasil têm sido tradicionalmente fonte de criação de mitos e, como tal, têm influenciado ou confundido pesquisadores pouco familiarizados com as idiossincrasias deste esporte.” (SOARES, 2001b, p.101).

O grande transtorno que esta prática teria causado é falta de informações novas às pesquisas existentes, contribuindo para uma repetição cada vez mais enfadonha de um discurso já conhecido e que deveria ser mais questionado.

Ao recorrer à literatura, acadêmica ou jornalística, sobre o passado do futebol brasileiro, temos a impressão de estarmos sempre lendo os mesmos textos, com variações não significativas. Em quase toda a produção sobre a história do futebol brasileiro encontram-se três momentos narrativos integrados ou amalgamados, que falam da chegada do futebol inglês e elitista ao Brasil, da sua popularização e do papel central do negro nesse processo. (SOARES, 2001a, p.13)

Esta repetição constante se faz presente também devido ao interesse de se manter uma identidade já construída e que, para muitos, não deve ser alterada.

Assim, o Negro no Futebol Brasileiro funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias anti-racistas, independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir. (SOARES, 2001a, P. 14)

O maior inconveniente desta falta de rigor historiográfico é a ausência de comparação com outras fontes. Desta forma, informações são legitimadas apenas a partir da utilização de uma obra clássica. No limite, esta prática poderia levar a imposição de “verdades” que não necessariamente tenham alguma fundamentação.

De fato, não haveria problema algum se a obra fosse tomada como mais uma fonte de informação e contrastada ou cruzada com outras. O

problema é que a obra em questão tem sido utilizada, no interior das ciências sociais, como prova para as interpretações, estabelecidas a priori, sobre as relações raciais no futebol e sobre o singular estilo de futebol nacional. A carência de historiografia sobre o futebol converteu o Negro no Futebol brasileiro em clássico, na verdade em laboratório de provas, sem passar pelo rigor da crítica. Um dos sintomas da carência, ou mesmo da ausência de fontes é o fato de os consumidores do Negro no Futebol brasileiro, que chamo de “novos narradores”, construírem legitimações acadêmicas da obra e de seu autor. (SOARES, 2001a, p.14)

No artigo O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade (2001b), Soares se apóia na pesquisa em jornais do ano de 1924 para rechaçar alguns relatos contidos na obra de Mario Filho e, posteriormente repetidos, por cientistas sociais. Para ele, a questão do amadorismo é que era central. Os clubes de elite até aceitariam negros, mas queriam a garantia de que não se tratava de atletas profissionais.

Entretanto, qualquer negro, sem nome familiar ou profissão de prestígio, que aparecesse para jogar em time da primeira divisão tinha sua condição de amador colocada sob suspeita. Não se pode esquecer que a maioria dos negros e mestiços daquela sociedade ocupava posições inferiores e empregos subalternos. A lógica “quanto melhor condição social e econômica, maior a probabilidade do jogador ser amador” provavelmente governava as percepções dos dirigentes esportivos. Assim, é provável que a desconfiança fosse maior em relação aos negros sem sobrenome de prestígio. (SOARES, 2001b, P.117)

Para ter mais respaldo em sua tese, o autor recorre a algumas incoerências do texto de Mario Filho no item 7.1.1 O campo e a pelada.

A vitória inquestionável do Vasco em 1923 não teria esse tom dramático se simplesmente pensássemos que aquela equipe foi montada com excelentes jogadores dedicados quase que exclusivamente ao futebol, isto é, que viviam sob uma estrutura semiprofissional bem sucedida em relação aos demais. Não teria o charme que tem caso aqueles que se nutrem de Mario Filho estivessem atentos à própria narrativa de seu inspirador, quando descreve que a equipe do Vasco era treinada exclusivamente por Platero e os jogadores eram superiores em termos de preparação física porque viviam como “meninos de colégio interno”. Argumentos dessa natureza não serviriam para realizar um discurso épico do negro ou da mistura racial, com a roupagem do politicamente correto, como o que é apresentado nos artigos acadêmicos sobre o futebol (Cf. Soares, 1999). Por esta razão, a história do Vasco, para ganhar seu conteúdo dramático na fundação da AMEA, coloca o racismo em destaque e secundarizando o debate do amadorismo. (SOARES, 2001b, P.118 E 119)

Sendo assim, tudo o que é dito a respeito do tema atualmente precisaria ser questionado, uma vez que não haveria fidelidade entre a versão consagrada dos fatos e o ocorrido na década de 1920.

O que tentamos demonstrar é que a “heróica” trajetória do Vasco na luta contra o racismo na década de 20 é uma tradição inventada, é uma história de identidade (Hobsbawm, 1998). Sua origem está em Mário Filho, e a continuidade dessa tradição está na boca dos aficionados pelo Vasco, na imprensa e nos textos acadêmicos que tratam a

referida história. Os recortes, as ênfases, os esquecimentos são reveladores dos mecanismos de construção da memória coletiva e da identidade. Os limites entre a história social, a história das mentalidades e a história de identidade são confusos e interpenetram-se. Mas isto não significa que uma mentalidade ou identidade informe exatamente o que se passou em um determinado evento ou trama específica. (SOARES, 2001b, P. 119)

Soares tem uma conclusão clara a respeito do tema. Para ele, há incorreções nesta história, mas como seria politicamente incorreto tentar desmistificá-la, ela continua sendo transmitida desta forma, tanto pela academia quanto pela imprensa.

A “história” de racismo e perseguição da AMEA aos negros e mestiços do Vasco em 1924 tem, no máximo, servido à construção de um discurso acadêmico politicamente correto, cuja eficácia é apenas de reforço da identidade positiva dos vascaínos. Para concluir, reforçamos que a crise vivida no futebol carioca nos anos 20 fazia parte de uma configuração mais ampla do esporte; e que não se limitava ao Brasil. A popularização do futebol, seu processo de transformação em negócio e em profissão estava tencionado pelos valores amadorísticos ou aristocráticos do esporte. (SOARES, 2001b, p.119)

Identidade Nacional

38

Após todas as contribuições de Soares, dois daqueles que eram apontados por ele como “novos narradores” se dedicaram a responder parte das críticas e acrescentar novas considerações ao debate acerca da inserção do negro no futebol brasileiro. Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. em Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol rebatem alguns argumentos de Soares. Eles lembram que se os “causos” apresentados por Mario Filho, ainda que não possam ser utilizados para provar, podem, no entanto, ilustrar os reflexos do preconceito.

Ora, os “causos” descritos do NFB, sejam “verdadeiros” ou “falsos”, expressam justamente sua força histórica quando nos permitem vislumbrar esse “clima de época”. Eles nos dão acesso às formas pelas quais as pessoas representavam as relações raciais e as tensões que experimentavam dentro do universo do futebol. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 55)

Para os autores não se pode inutilizar a obra usando apenas o argumento de falta de fidelidade aos fatos. Eles lembram que a principal crítica ao texto de Mario Filho está situada na dúvida entre se tratar de um texto histórico ou um romance. Mas para eles, esta discussão seria completamente infrutífera.

Um dos argumentos centrais do trabalho de Soares é que Mário Filho não teria construído um estudo histórico ou sociológico sobre o negro no futebol brasileiro, mas um “romance”. Através de uma análise exaustiva das edições do NFB, bem como da biografia de Mario Filho, Soares conclui que o autor, mediante artifícios retóricos de legitimação, conseguiu disseminar a idéia de que sua obra se constituía numa descrição histórica objetiva das relações raciais dentro do futebol, encobrindo, na realidade, um projeto de construção de identidade nacional baseado na noção de harmonia e integração das raças formadoras. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 52 e 53)

Helal e Gordon Jr. destacam que, mesmo se lido como um romance, o texto pode ser valorizado por descrever um contexto social criado a partir de uma realidade existente. Ambos acreditam que este tipo de texto fornece um material que deve ser considerado até mesmo pelos historiadores na tentativa de entender como pensavam as pessoas de determinada época. “Apesar de louvarmos o mérito do trabalho de Soares ao apontar um provável descuido metodológico dos ‘novos narradores’, questionamos sua posição radical em negar qualquer possibilidade de utilização histórica do texto de Mario Filho.” (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 54)

Outra crítica contundente às conclusões de Soares é a de que ele simplesmente haveria trocado uma discussão por outra. “[...] onde se lia ‘racismo’, propõe que se leia ‘amadorismo x profissionalismo’. E essa redução não nos parece nem profícua do ponto de vista metodológico, nem justa do ponto de vista histórico. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 57) Em síntese, o contraponto feito às críticas de Soares pode ser conhecido da seguinte forma resumida:

Mesmo considerando que os argumentos de Soares merecem uma análise mais detida e aprofundada, iremos nos limitar, por motivos de espaço, a discutir quatro pontos de seu argumento, que na verdade estão interligados ao longo do texto, ainda que nem sempre formulados de modo explícito: 1) a crítica à utilização do NFB como fonte histórica; 2) a recusa em considerar a pregnância do idioma simbólico do racismo na história do futebol brasileiro; 3) a negação de um processo de relaxamento das tensões raciais no universo do futebol; 4) a desconsideração da ideologia da identidade nacional como instrumento heurístico relevante para a compreensão dessa história. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 52)

Para entender melhor estes quatro pontos, acreditamos, neste momento, ser fundamental fazer uma breve contextualização histórica acerca do momento sobre o qual estamos falando.

A princípio — não devemos esquecer que a introdução do futebol no Brasil deu-se pouquíssimo tempo após a abolição —, a presença dos negros no esporte suscitava desconfiança e mesmo repúdio. Foi um momento da história da sociedade brasileira em que brancos e negros vivenciavam uma situação em que podiam competir abertamente em algum domínio da vida social, colocar efetivamente à prova suas “qualidades raciais”: Os ex-escravos e os ex-senhores iriam medir forças no campo de futebol em condições de (parcial) igualdade. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 65)

Para ilustrar, podemos citar que em outros esportes a inserção do negro foi infinitamente mais demorada. Segundo Helal e Gordon, esta situação pode ser explicada porque no basquete, no vôlei ou nos esportes aquáticos, o amadorismo predominou por mais tempo, o que fez com que ficasse difícil para pessoas das classes sociais menos favorecidas conseguirem ter uma condição atlética próxima do que se dedicavam de forma amadora. Por este caminho, pode-se sim dizer que ocorreu um processo de democratização no futebol brasileiro. (HELAL; GORDON JR, 2001,p.66) Por outro lado, seria ineficiente

negar que dentro do esporte não houvesse também resquícios do preconceito visível em todo o restante da sociedade.

Enfim, por que o futebol estaria imune às representações sociais do negro e da mestiçagem que se constituíam num discurso ou num idioma que imperava em todas as outras instâncias da vida social, incluindo as políticas públicas (discussões sobre legislação imigratória, reformas penais etc.)? Parece no mínimo um contra-senso imaginar que o futebol, desde o período de sua implantação como fenômeno cultural de massa, pudesse ficar imune à penetração das representações sociais do negro e da mestiçagem. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 62 e 63)

Sendo assim, não podemos, em momento algum, perder de vista que há racismo no Brasil. Talvez por isso estejamos investigando o futebol para podermos encontrar algumas respostas.

As representações culturais a respeito das relações entre as raças manifestavam-se dentro do universo futebolístico como na sociedade brasileira em geral. O futebol torna-se um espaço privilegiado para investigar tais temas, uma vez que foi utilizado na construção de nossa identidade nacional e esta, por sua vez, foi construída em cima de pressupostos racistas. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 56)

Helal e Gordon Jr. lembram que a história dos negros no futebol brasileiro, tal como relatada por Mário Filho, se assemelha muito à saga clássica do herói (Campbell, 1995). A partir deste argumento, ele propõe uma discussão que talvez esteja presente no núcleo central deste trabalho: por que hoje gostamos de ouvir esta história, contada desta forma, já que na época ela agradava apenas uma minoria? Por que ela mais tarde se tornou a “história oficial?” (HELAL; GORDON JR, 2001, p.68). É aí que acreditamos haver uma incoerência. Pelos registros iniciais verificados nos jornais, ainda não ficou claro de que forma a história foi contada no ano de 1923.

Restaria perguntar ainda se todas as histórias oficiais sobre formação de identidades nacionais não seriam, de fato, construções que, mesmo que incentivadas por uma elite, só fazem sentido, só se tornam oficiais, quando “colam” com os anseios da população, isto é, quando são simultaneamente mito e sonho. Ou seja, não existiria uma relação dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)? O que percebemos, enfim, é que essas essencializações, das quais a construção de uma identidade nacional faz parte, são eficazes, possuem ‘materialidade’, mesmo sendo simbólicas; ou seja, produzem um resultado prático no imaginário coletivo: soldados morrem nos campos de batalha defendendo a bandeira de seus países, guerrilheiros matam em nome da legitimação de sua “etnicidade”. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 69)

Nesta construção, portanto, Mario Filho teria deixado claramente demarcada a luta de classes, evidenciando quem estava de qual lado. “Nessa trama, Mário Filho teria escolhido seus heróis — os jogadores negros e mulattos — e seus vilões — a elite branca urbana brasileira, fundadora dos grandes clubes de futebol e contrária à inserção dos negros nesse novo domínio da vida social que era o esporte.” (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 53)

Apesar da extensa discussão acerca do tema, sabemos que precisaremos nos aprofundar substancialmente nos trabalhos desenvolvidos por Roberto da Matta e Gilberto Freyre. Devemos também, nos dedicar aos estudos de Hobsbawn para entendermos melhor quais instrumentos (como unificação da língua, ancestralidade e institucionalização de rituais) foram costumeiramente utilizados nos processos de solidificação das nações.

NOTAS

¹ Mario Filho (1908-1966) foi um dos mais importantes cronistas esportivos brasileiros do Século XX. Além de jornalista foi também proprietário do Jornal dos Sports, publicação que, enquanto comandada por ele, fomentou diversas competições esportivas e reuniu intelectuais importantes que escreviam no periódico. Ele foi um dos principais incentivadores da construção do Estádio do Maracanã que acabou por receber o seu nome. Na literatura teve contribuições importantes, sendo a mais destacada O negro no futebol brasileiro. Mario Filho era irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues.

² Soares defendeu em 1998 a tese de Doutorado em Educação Física, no Programa de Pós-graduação em Educação Física na Universidade Gama Filho, intitulada Futebol raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial.

³ Artigo publicado originalmente na Revista Paulista de Educação Física N. (13)1 jan/jun de 1999 e, posteriormente, publicado no livro A invenção do país do futebol (2001).

⁴ No ano seguinte à conquista do título do Vasco, os quatro principais clubes do Rio de Janeiro (Flamengo, Fluminense, Botafogo e América) criaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), da qual o Vasco acabou não participando. A justificativa oficial para a criação da AMEA, que gerenciaria as competições esportivas, concentrou-se no propósito de manter a ética do amadorismo no esporte, impedindo a participação de atletas profissionais ou semi-profissionais nas disputas. Para Mario Filho, a nova liga foi criada em resposta à vitória do time miscigenado. Esta visão foi repetida por diversos pensadores. Para Soares, a criação da AMEA pode ser justificada principalmente pela discussão entre amadorismo e profissionalismo. Fato é que o Vasco disputou o campeonato de 1924 organizado pela Liga Metropolitana de esportes Terrestres (METRO).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 1995.

FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. “Prefácio à 1ª edição”. In: FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR. Cesar. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. In: HELAL, Ronaldo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 51-76.

HELAL, Ronaldo. O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBSBAWN, Eric. Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LOVISOLO, Hugo. “Introdução”. In: HELAL, Ronaldo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001a. p. 9-12.

LOVISOLO, Hugo. “Saudosos futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia”. In: HELAL, Ronaldo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001b. p. 77-100.